



Representação Transexual na Mídia: Uma análise do Programa Conexão Repórter¹

Annelize PIRES²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de Bauru, São Paulo

RESUMO

Percebendo que os veículos de comunicação de massa tem grande influência sob seu público, auxiliando-o e disseminando representações culturais e identidades, este artigo tem como objetivo analisar como o programa jornalístico Conexão Repórter, por meio da edição de imagens e construção de discursos, com a utilização de elementos socialmente difundidos, transmite a imagem de transexuais, enquanto pessoas que estão inseridas na sociedade e que são relacionadas com a cultura que está sendo formada. A partir da análise de conteúdo, serão aplicadas teorias sobre identidade, cultura e gênero para que se possa compreender como a representação de transexuais foi construída e transmitida ao público. A reprodução de conceitos em desuso acaba por transmitir e reafirmar formas culturais e ideias de forma estereotipada e preconceituosa, ocasionando em uma contínua disseminação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Conexão Repórter; Cultura; Identidade; Transexuais.

1. Introdução

Os meios de comunicação tornaram-se parte efetiva da sociedade, saindo da face de ferramentas distanciadas que apenas reproduziam fatos para participantes ativos dela, ganhando, inclusive, papel de destaque. Eles se tornaram tão vitais que a cultura os acolheu e deu a eles a função de agregadores sociais, onde o modo de transmissão de formas culturais feito por eles é, também, levado para a vida das pessoas, como um ciclo, uma troca de conceitos entre o corpo social e os veículos de comunicação. Conforme a sociedade foi passando por desenvolvimentos de diversas ordens, os meios de comunicação foram sendo cada vez mais considerados como elementos centrais desta, uma vez que a

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Unesp - Câmpus de Bauru. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação na FAAC, Unesp - Bauru. Bolsista Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo no 2015/ 26945-7 . annelize.pires@gmail.com



partir deles era, e ainda o é, possível estar em contato com formas culturais diversas presentes em uma mesma sociedade.

A cultura em que os meios estão inseridos também está presente nos veículos e refletidas na forma como estes abordarão as temáticas. Estando presentes em culturas com uma infinidade de significações e tendo acesso a pontos de vista diversos, os meios adequam seus discursos às formas culturais e aos grupos os quais desejam mostrar que estão de acordo. Há um constante aumento no número de meios de comunicação disponíveis e uma rapidez em seu desenvolvimento, tornando mais simples e fácil o acesso às informações e ao que ocorre no mundo. Ficando, também, mais fácil ter acesso a representações e significações diversas, o que pode acarretar em uma massivo número de influências e uma ilusão de que há uma igualdade no tratamento de determinados grupos sociais e temáticas.

No entanto, nem todas as formas culturais disseminadas nos veículos de comunicação seguem as mudanças culturais pelas quais a sociedade constantemente passa. Algumas formas de tratar temáticas, o uso de determinados padrões culturais e normas sociais dão margem para que uma cultura obsoleta e em desuso continue sendo seguida, disseminada e apreendida por quem tem contato com tais veículos. Como no caso dos grupos minoritários, neste trabalho representado pelos indivíduos transexuais, por vezes, é comum ver nos meios de comunicação o tratamento feito de maneira desatenta e excludente que não corresponde a forma cultural com a qual se busca tratar tais indivíduos.

Transexuais muitas vezes são desconsiderados/as na maneira com a qual são tratados pela sociedade e pela mídia. Sendo, inclusive, excluídos quanto a forma com que serão abordado/as, pois raramente a sociedade e os veículos seguem a forma a qual elas/eles se identificam. Muitos indivíduos as/os tratam da maneira com a qual a sociedade condicionou em uma época em que o “diferente” do padrão não tinha a chance de ter voz. Atualmente, há um crescente movimento para a inclusão dos grupos minoritários, buscando-se uma forma mais esclarecedora de tratá-los, mas, ainda sim, infelizmente, há uma resistência por parte de grupos conservadores, que tratam-os da forma como se condicionou em outras épocas.



Pretende-se neste artigo, analisar como um programa transmitido em rede aberta retrata a identidade de transexuais que desejam fazer a cirurgia de redesignação genital e como suas identidades são transmitidas. Para tanto, será analisado o episódio do programa *Conexão Repórter* que tratou da temática, transmitido pelo SBT e que tem como âncora o jornalista Roberto Cabrini.

1. Comunicação e Cultura

Os veículos auxiliam no encadeamento histórico do grupo social em que estão presentes. Os fatos, notícias, dados e representações que estão presentes e são propagados por eles foram escolhidos dentre diversas opções disponíveis nas culturas, sendo selecionados os que mais se aproximam de uma determinada visão a qual se deseja estar de acordo. Assim, os materiais são reflexos e mostram uma representação de um determinado momento histórico pelo qual um grupo está passando. Os discursos midiáticos receberam um papel que ultrapassou o simples discurso informacional, os meios ficaram responsáveis por, além de informarem, auxiliarem na disseminação de opiniões, certos e errados e, inclusive, na propagação de julgamentos. A mídia tornou-se uma forma de influência cultural, um papel complicado dentro da sociedade e de grande responsabilidade, pois em uma mesma cultura estão presentes formas variadas dela, e ao selecionar apenas uma, pode-se negar as demais, mesmo que os meios passem um discurso construído com um objetivo específico, como Lopes (2004, p. 101) explana sobre o processo comunicacional “Partindo do pressuposto da artificialidade do processo comunicacional e informacional, entendem-se ambos como representações, isto é, construções ideológicas e mentais compartilhadas socialmente”.

A mídia não cria as formas culturais as quais reproduz de forma autônoma, ela reflete formas disseminadas na sociedade em que se insere buscando uma troca simbólica com o público que pretende alcançar. Assim, as representações que são veiculadas fazem parte de um agrupamento de formas simbólicas que ela apreende e que considera semelhantes a maneira como pretende lidar com os assuntos e temáticas. Todavia, a sociedade não fica estagnada em uma forma cultural única. A cultura vai mudando conforme o próprio grupo social também o vai, tal mudança não tem época e forma certas



de serem feitas, elas apenas mudam. Todo o tempo surgem novos questionamentos, novas visões, novos fatos que fazem com que os conceitos até então tidos como corretos sejam repensados e modificados. Mas nem sempre alguns grupos concordam com os novos formatos conceituais e preferem seguir pelos caminhos mais obsoletos e fechados, podendo resultar em embates e confrontos. Outra consequência são os tratamentos desiguais entre os indivíduos, refletindo também nos meios de comunicação, que muitas vezes, não atualizam a forma com que tratarão certos temas, principalmente, quando estes são considerados “tabus” ou temáticas não tão populares. O senso-comum pode prevalecer nesses momentos e a desigualdade de tratamento chamar a atenção quando colocada diante dos olhos em uma matéria jornalística. Diz-se que os veículos de comunicação devem transmitir a verdade, sem julgamentos, sem condenações, e devem apenas relatar fatos, não se deixar influenciar por valores que não estão de acordo com a ética que a profissão exige. Mas se a ética pode ser interpretada por cada um a sua maneira, os meios de comunicação se vêem no fogo cruzado entre o que e como estampar certos acontecimentos. No entanto, em algumas matérias, é possível notar que o tratamento torna-se desigual.

As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje. A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global. (KELLNER, 2001, p. 9)

O discurso televisivo pode oferecer mais que apenas um texto, por mostrarem em imagens e texto falado aquilo que eles estão transmitindo, eles convencem o público da importância daquele discurso, demonstrando a seriedade e a importância dos fatos retratados. Assim, buscam que o público concorde com eles e aceitem sua visão como sendo correta, optando assim por continuar consumindo aquele discurso. Para isso, os veículos usam dos artifícios que encontram para que seu discurso convença o público, para que se identifiquem com o que está sendo retratado e para que estes o aceitem como real. Para isso, em seus discursos utilizam-se dos conceitos internos e externos de identidade, em um jogo de identificações e ciclos culturais, como Cuche (2002, p. 184) conceitua: “uma negociação entre uma ‘auto-identidade’ definida por si mesmo e uma ‘hetero-identidade’ definida pelos outros”.



Tendo recebido uma função de grande força de influência social, mesmo com todas as transformações pelas quais os meios de comunicação passaram e, ainda passam continuamente, a televisão foi crescendo e se popularizando e continua sendo considerada um dos principais veículos de informação, estando presente em grande parte dos lares brasileiros. Sendo assim, ela possui um papel acima de ser um mero divulgador dos fatos que ocorriam no país. A televisão foi, cada vez mais, se expandindo e se massificando, recebendo mais e mais estímulos conforme a sociedade ia se desenvolvendo e aumentando seu poder de aquisição e as possibilidades de acesso. Ela tornou-se uma forma dos cidadãos sentirem-se participantes ativos do que acontece no país, inclusive, a sociedade muitas vezes recorre a própria mídia televisiva para chamar a atenção dos órgãos públicos para as questões que estão acontecendo e que estão sendo ignoradas.

2. Transexuais

As questões referentes a gênero são, ainda hoje, um tópico muito questionado e alvo de muitas dúvidas pela sociedade contemporânea. Mesmo com um crescente número de estudos sobre temáticas que envolvam gênero, sexualidade e seus derivados, ainda há muito a ser descoberto e, ainda mais, muito a ser contextualizado. A sociedade atual ainda vive sob uma constante necessidade de se limitar as maneiras de se viver sob alguma forma de regulação e normatização, sempre em busca do “normal” e do “natural”. Há uma tentativa constante de impor padrões, normas, leis, ideologias e regulamentações em uma busca interminável por estabelecer limites que aproxime os cidadãos, torne-os uma massa unificada e que ajam de maneira análoga uns aos outros, limitando a vida dos indivíduos, tornando tudo o que não está dentro dos padrões como sendo uma forma que merece ser julgada e considerada ilegítima.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” - para usar um termo melhor do que “status social”, já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma norma que atributos estruturais, como “ocupação”.(GOFFMAN, 1988, p. 12)

Apesar de um aumento no corpo social para a discussão sobre temáticas anteriormente consideradas como tabus, como o gênero, alguns grupos sociais, ainda buscam construí-lo como sendo um produto binário fabricado pela imposição de regras e normatizações que delimitam os gêneros como sendo algo imutável e podem também anular seu sentido de construção social, o que acaba sendo transmitido para um grande número de pessoas e culminando em sua ampla disseminação, abrindo precedentes para o preconceito. A ideia de que só existem dois gêneros, o feminino e o masculino, definidos de acordo com a sua forma biológica constatada no nascimento, ajudou a categorizar sexualidade e gênero como sendo de uma mesma ordem e que, juntos, determinariam a maneira como os indivíduos devem se comportar e viver.

O corpo tornou-se uma forma de cultura, ele pode passar por transições, mudanças, transformações e representar mais do que se imagina. Com tal dificuldade de desvincular sexualidade e gênero, seria mais simples percebê-lo por meio das atribuições culturais que ele recebe. Mesmo assim, nota-se que continua se fazendo necessária, mesmo que sem tal pretensão, nomear quem se é, traduzir sua maneira de viver em alguma das formas normativas impostas. A partir do corpo e de seus delineamentos foram sendo construídas formas sociais do que era certo e errado para cada gênero, diferenciando-os. Mulheres e homens por mais que sejam considerados iguais pela lei, não o são perante a sociedade, nesta foram feitas divisões e princípios para cada um deles, apenas por sua anatomia.

Genitália define o gênero?

Bem, aprendemos que sim, que se alguém tem vagina é menina/mulher e se tem pênis é menino/homem. Simples, como algumas/alguns de vocês comentaram, só que não. O sexo genital não define gênero, até porque gênero é um construto social, ou não? Se muda de sociedade para sociedade, se se transforma ao longo da história, se tem conotações distintas dependendo da cultura, me parece, sim, que se trata de um construto. Será que somos sempre 100% mulheres ou 100% homens? Em alguns momentos, temos que agir a partir de referentes que são socialmente vistos como masculinos, por exemplo, sendo fortes e até violentas. O mesmo se passa com os homens. Bem, se gênero fosse uma derivação absolutamente natural da genitália, não precisaríamos reiterar constantemente os ensinamentos de gênero: “menino não chora”; “se senta como uma menina”; “menino não brinca de casinha”; “menina não faz estas coisas”...(...)” (PELÚCIO, 2014, p.117).



Transexuais, assim como os demais indivíduos que são nomeados como participantes do grupo dos transgêneros, são constantemente objeto de debates de ordens diversas mas, principalmente, sobre identidades de gênero e papéis sexuais, estes deveriam, teoricamente, ser uma forma de organização inserida na sociedade. Transexuais são inseridos/as no grupo dos indivíduos transgêneros, nomenclatura utilizada com o intuito de abranger àqueles que não se sentem de acordo com as normas sociais e culturais que foram construídas a partir da ideia da existência do gênero biológico. Assim, vivem de acordo com a maneira com que sentem ser adequada e verdadeira para si. Tal fato, não significa que transexuais, travestis e transgêneros sejam indivíduos iguais, com percursos e identificações iguais. Neste grupo estão incluídos além de travestis e transexuais, as *drag queens*, *cross-dressers*, andróginos e os demais indivíduos que não se sentem confortáveis com os padrões socialmente designados de acordo com as formas biológicas.

Transexuais são indivíduos que não se identificam com o gênero anatômico e social com o qual foram designados ao nascerem. A sociedade normatiza padrões que serão seguidos por cada gênero do binômio masculino/ feminino, ao não se identificarem com o gênero que lhes foi designado biologicamente ao nascer e com as normas ditadas pela sociedade segundo sua anatomia, transcendem as margens delimitadas por essa sociedade conservadora e buscam encontrar-se com quem verdadeiramente são. Para isto, entram em acordo com suas vontades, procuram meios de realizar suas necessidades e de entender suas identidades e a forma como se relacionam com o mundo, elaborando, assim, sua própria identidade, mudando o que acham necessário e tomando para si sua forma única de ser e, desse modo, encontram a forma que desejam viver, mesmo que para isso, tenham que contradizer tudo o que a sociedade estipulou anteriormente.

Tais indivíduos podem ou não recorrer a formas externas de representar suas identidades, assim, podem optar por vestir-se, portar-se ou fazer cirurgias para que estejam de acordo com a maneira com a qual se identificam. Enfim, a parte externa, apesar de muito considerada pela sociedade, não necessariamente precisa corresponder com o interior dos indivíduos. Todas as transformações dependem dos sentimentos, vontades e da forma com a qual os indivíduos se sentem confortáveis consigo mesmos.



Os discursos culturais que buscam definir o que cada indivíduo seria é muito permeado por falas médicas e psiquiátricas, trazendo a tona a necessidade constante de encaixar os indivíduos em padrões e normatizações, regulando-os e controlando-os. Nota-se que mesmo com os indivíduos estigmatizados, ou principalmente com eles, há uma maior vigilância, tenta-se padronizá-los a qualquer custo. Então, já que não seguem o normatizado, segue-se para uma outra instância, enquadrá-los em formas que nascem de discursos não tão populares mas que podem, também, controlar os indivíduos.

É interessante observar como o discurso biomédico regula a fala sobre transexuais, acabando por defini-los, dando os parâmetros do que “são” e de quais pessoas “podem ser” transexuais, usando para isso definições um tanto estanques. Se o que define um(a) transexual é um profundo desconforto em relação ao sexo anatômico com que nasce, não penso ser possível afirmar que essas pessoas sempre queiram/possam passar por cirurgias de mudança de sexo. O desejo de ter um corpo diferente daquele com o qual “se nasceu” pode existir, mas podem não existir condições de operacionalização desse desejo, nem sempre mediadas apenas pela falta de dinheiro. (VENCATO, 2003, p. 203-204)

Assim, nota-se que não estar de acordo com as normas socialmente disseminadas faz com que, ainda sim, se tenha uma necessidade de se ajustar em algum grupo presente na sociedade. Existe uma pressão para que os indivíduos estejam presentes de alguma forma na identidade social, mesmo que sejam considerados “diferentes”.

3. Conexão Repórter

O programa Conexão Repórter é um programa jornalístico, exibido pelo SBT semanalmente, desde 2010. O programa, atualmente, é exibido aos domingos na faixa de horário da meia-noite, anteriormente, foi exibido às quintas-feiras. O programa tem o jornalista Roberto Cabrini como único apresentador. O programa que será analisado tem como título “A troca: A mais polêmica cirurgia de mudança de sexo”, foi ao ar em 18 de abril de 2013 e tem 43 minutos e 5 segundos. Segundo o site do programa, sua proposta é a “busca pela verdade”, produzindo grandes reportagens feitas pelo próprio âncora e editor-chefe do programa, eles buscam encontrar as informações que ninguém mais conseguiu. O programa conta com a ajuda de “produtores-repórteres” que não aparecem na frente da câmera mas que participam das reportagens. Neste episódio, Cabrini acompanhou a rotina de três transexuais: duas mulheres e um homem.



O programa inicia com a imagem de uma mulher, uma tela azul aparece com a frase “Almas aprisionadas em um corpo estranho”, a voz de Cabrini repete os dizeres da frase. “O desejo de ser do outro sexo, o sexo oposto”. Conforme imagens vão sendo colocadas, a narração prossegue: “Uma transformação radical, que envolve riscos, traumas”, mais imagens de Cabrini entrevistando pessoas: “A luta pela aceitação. Vidas marcadas pelo constrangimento”, de volta ao estúdio ele entrevista mulheres. Cabrini no estúdio com os entrevistados e ele narrando “Prepare-se para conhecer os segredos de ‘A troca’”. Cabrini faz a abertura do programa contando que o programa daquela noite abordará a “mais polêmica de todas as cirurgias realizadas pela medicina: a operação de troca de sexo. Uma viagem sem volta, um procedimento médico que muda a convivência de um ser humano com o seu próprio corpo e traz novos desafios para a mente”. Ele descreve que acompanharam o antes, o durante e o depois do procedimento, quem são os pacientes e os médicos e questiona “Até que ponto a troca de sexo atende a expectativa daqueles que decidem realizá-la” e que eles darão a resposta naquela noite.

Já nesta abertura, percebe-se que o programa aborda, principalmente, a questão da redesignação genital com diversas normatizações culturais que são amplamente utilizadas na sociedade, mas que, poderiam ser substituídas por expressões menos estigmatizantes. A questão da diferença entre sexo e gênero, que apesar de serem relacionados, não se definem. Logo, ‘ser do sexo oposto’ estaria mais relacionado com a questão biológica do que com a questão identitária, podendo parecer que as pessoas abordadas no programa querem apenas mudar seus corpos biológicos, sem considerar os demais fatores, as identificações próprias, fatores psicológicos, vivências, experimentações, etc.

Cabrini acompanhou Vivian Fantin em 2010, quando fez sua cirurgia de redesignação e em 2013 voltou a mostrar como ela estava depois da cirurgia. Ao mostrarem imagens da cirurgia, a narração: “A história de um homem que jamais aceitou sua condição e decidiu se transformar em uma mulher. Os bastidores da polêmica cirurgia da troca de sexo. Quase três anos depois, inevitáveis desdobramentos, a superação de medos e de angústias”. Imagens de Vivian com narração “O começo de uma nova vida, em uma nova identidade”, de volta ao estúdio o jornalista questiona “Como é que você se compara hoje às mulheres convencionais e ela ri e responde “Melhor que elas, estou brincando. Eu me



comparo como uma mulher, não tão convencional, porque eu não sou, já é do meu psicológico, eu sou psicologicamente diferente né, como mulher”. Cabrini a apresenta “Vivian Fantin, 42 anos, uma bióloga vaidosa, inteligente, muito determinada. Agosto de 2010, Vivian e os detalhes de sua feminilidade. Ela nasce Edson”. O jornalista pergunta sobre quando tinha que viver como Edson e ela responde que não gosta de falar sobre o assunto. Entra a imagem de Alexandre Saadeh, psiquiatra que explica “Transexual nasceu homem, tem a genitália masculina, mas se vê, se percebe, se sente, se entende como mulher e vai buscar a medicina para fazer toda a transformação hormonal e cirúrgica”.

De volta ao estúdio Cabrini entrevista Vivian poucos dias antes de realizar a cirurgia e pergunta o que significa pra ela: “renascimento”, ele continua “e se você se arrepender da cirurgia?” e ela responde “eu não vou me arrepender, tenho certeza”, ele pergunta se ela tem certeza absoluta e ela confirma, Cabrini diz “você está consciente de que esta é uma viagem sem volta?” e ela conta “Tenho certeza, ainda tem muitas pessoas que são contra, e falam isso, chamam de amputação, de castração, outros nomes que eu ouvi, ou que morre, tem um risco de vida, eu preferia morrer nesse momento a continuar assim”.

No próximo corte, de volta ao estúdio e Cabrini pergunta se ela arrepende de ter feito a cirurgia e ela responde que foi uma vitória. Cabrini continua “Se você não tivesse feito a cirurgia, você acha que hoje não estaria feliz?”, Vivian responde “Eu estaria totalmente infeliz”. O jornalista é persistente ao falar sobre arrependimento ao fazer a cirurgia, reiterando sobre a possibilidade de arrependimento. Ao falar sobre ‘não ter mais volta’, tem-se a impressão de que ele tem dificuldade em aceitar a ideia da cirurgia.

A imagem de Brunna aparece na tela com a narração “Bruna também não tem dúvidas, a troca de sexo vale a pena”. Eles estão no estúdio e Cabrini pergunta “Você não nasceu Brunna?” e ela responde “Não, nasci Adilson”. Aparecem imagens de Brunna mostrando roupas e a narração “Ela já colocou silicone nos seios, toma hormônios e se prepara para a cirurgia. São dois anos de acompanhamento médico e psicológico e ainda um conjunto de laudos para aprovação do procedimento”. No estúdio Cabrini pergunta “Que tipo de dificuldade você encontrou nesse período de transição?”, Brunna conta “Olha, a aceitação foi um fator muito agravante no meu caso. Porque eu não tive aceitação na família, de início”, o jornalista pergunta como foi esse processo e Brunna o descreve desde



a infância. De volta ao estúdio, Cabrini pergunta “Sexualmente, como é que você se descreve hoje?” e Brunna responde “Ainda não realizada”, e Cabrini continua “Inicialmente, você foi descrita como homossexual?”, ela afirma “Sim, no início sim, até meus catorze anos ainda vinha essa definição que eu era gay, que eu era homossexual. Isso vindo da família, vindo colocado na escola”.

O próximo corte aborda a temática de Brunna ter se prostituído e contraído o vírus HIV. Mostram Brunna no cenário aonde trabalhou, comentando sobre a época, sobre boas e más recordações: “Tenho más recordações do local porque, também, fui muito apedrejada, muito xingada, como todas as travestis que trabalham no centro de São Paulo, são”. No estúdio, Cabrini quer saber por que Brunna se prostituiu e ela responde que sofreu muitos preconceitos e foi o único caminho que encontrou. Cabrini questiona o motivo de fazer a cirurgia e Brunna responde “Para me realizar”, o jornalista quer saber se sem fazer o procedimento ela não será feliz e ela confirma “Não, não sou feliz”, o jornalista quer saber o por que e ela continua “Porque eu não aceito, não aceito meu corpo, tanto não aceito que já estou modificando ele”.

De volta ao estúdio, Cabrini pergunta se mesmo com o HIV Brunna acha que a cirurgia vale a pena e ela confirma: “Vale a pena. Para mim, vale a pena, porque é uma realização, eu vou me sentir muito realizada a partir do momento que eu olhar no espelho e enxergar a Brunna que eu sempre quis enxergar”. O jornalista pergunta qual o maior medo de Brunna e ela responde “morrer homem”. O assunto passa para as questões familiares e sobre os documentos ainda com nome masculino, Brunna diz que esconde os documentos e que não aceita. O jornalista pergunta “E você acha que a cirurgia de mudança de sexo vai ajudar nesse processo?” e Brunna responde “Vai, com certeza, vai. Porque é aqui (segurando o rg) que vai morrer a história”. Agora Cabrini narra “Brunna está convicta, quer trocar de sexo, mas ainda tem dúvidas, ainda quer mais informações

Há um momento de interação no estúdio entre Brunna e Vivian para falarem sobre a cirurgia. Cabrini faz perguntas, estimula a interação entre elas, falam sobre a questão sexual, o que mudou no sexo depois da cirurgia, o que é diferente, conversam também sobre aceitação do corpo, como muda a relação com o corpo, Vivian comenta “A sensação é



assim, como se eu tivesse ganhado na loteria”. Cabrini questiona se ela é uma transexual ou uma mulher e ela diz “uma mulher, mil por cento”.

Cabrini une Brunna e Vivian no estúdio para uma conversa, no entanto, parece que a edição do programa foca mais nas perguntas sobre sexo e do corpo do que em outras questões que possam ter sido feitas mas que, talvez, não chamem tanto a atenção do público. Cabrini questiona Vivian sobre a vida após a cirurgia, e quando ela conta dos problemas que teve por acharem que ela tinha feito apenas um procedimento estético, Cabrini tenta mudar seu discurso sobre a cirurgia, buscando mostrar compreensão sobre a necessidade para ela de sua cirurgia, no entanto, ainda busca saber se valeu a pena, voltando ao discurso anterior, podendo mostrar que não acredita na necessidade da cirurgia.

No bloco seguinte, o programa conta a história de André Braz, 31 anos, transhomem que luta contra o preconceito. Ele conta “Eu sou homem, e me sinto homem. Só de pensar em voltar atrás, já me desespero, eu fico com medo de um dia não poder mais tomar hormônio masculino, tenho medo do meu corpo voltar. Daí fico desesperado”. Cabrini descreve “Cabelo curto, barba, pelos, feição masculina. André nasce em um corpo feminino, mas sempre se sentiu um homem”. Cabrini continua a narração “Três anos se passam, e André ainda não conseguiu tratamento pelo SUS”, André descreve sua saga pelos hospitais e que toma hormônio por conta própria. Cabrini continua “O jovem também enfrenta o preconceito da sociedade. Ele encontra dificuldade para encontrar um emprego fixo”, André comenta sua situação difícil e que a questão do vestíário feminino e masculino ainda é um problema. Cabrini narra que o maior desafio de André é “retirar as mamas e fazer a troca de sexo”. André conta que não tem o dinheiro para fazer a cirurgia e está esperando juntar esse dinheiro para conseguir fazer “Já sofri muito já e sofro ainda. Não iria me arrepender, eu quero fazer, daí tem gente que fala pra mim ‘mas isso aí é arriscado, você pode se arrepender ou coisa pior, né, pode morrer, né, alguma coisa pode acontecer’, e eu falei ‘ah, mas eu morro feliz, porque eu quero fazer’”. Entra na tela uma imagem que diz “A cirurgia de mudança de sexo para mulheres que querem se tornar homens ainda é experimental no Brasil. A técnica de construção do pênis só pode ser realizada em Hospitais Universitários. Até o momento, o SUS ainda não cobre este tipo de procedimento”.



Apesar de Cabrini buscar mostrar como é a vida de um transhomem, ele não se aprofunda. O jornalista mostra apenas as dificuldades dos/as transexuais, mas não oferece mais detalhes, sequer tratando de assuntos que poderiam ser abordados no tipo de reportagem. Fica-se com a impressão de que transhomens existem, sofrem com o preconceito, mas não há o que fazer. Embora pudesse falar sobre o tratamento da hormonioterapia, a tela final, fala apenas sobre o SUS não cobrir o procedimento cirúrgico. Apesar do programa falar especificamente sobre a operação, nada impede que transmita esse tipo de informação ao público.

No bloco final, Cabrini narra “A transexualidade é considerada pela Organização Mundial de Saúde, uma doença. Nem todos, é claro, concordam com essa classificação. Para essas pessoas, o preconceito sempre caminha paralelamente”. Cabrini conversa com Vivian e Brunna no estúdio, novamente, ele pergunta para a Vivian “Qual é a grande verdade sobre a cirurgia de mudança de sexo?”, Vivian responde “A grande verdade é que existem muitos mitos dentro disso que todo mundo fala e realmente é pura ignorância, não é nada do que se fala, que é amputação, castração, não é. Mas tem que ter muito cuidado porque é uma coisa irreversível, depois que você fez você não volta atrás, então tem que ser uma decisão tomada com, realmente, com todo aquele aspecto que tem, jurídico de dois anos de tratamento com equipe multidisciplinar, tem que levar muito a sério, isso, não mentir, normalmente, eu conheço pessoas que mentiram nas perguntas para poder fazer. Imagens das três personagens do episódio aparecem e o jornalista narra “nada abala a esperança de, um dia, se encontrar com seu verdadeiro corpo, a sua cara, o seu jeito, o seu destino, a sua escolha”. No estúdio, Cabrini fala para a câmera “a cirurgia de troca de sexo é um procedimento radical que envolve, antes de tudo, a preparação psicológica dos que tomam a decisão de realizá-la, todos os casos revelam que o êxito do procedimento depende, antes de tudo, da aceitação dos limites humanos, mais importante do que corrigir o corpo é trabalhar a própria mente”.

Nesta finalização do programa, Cabrini busca mostrar que a transexualidade não deve ser vista da forma como muitos indivíduos conservadores a vêem: como sendo um problema. Todavia, ele não utiliza muitos argumentos para reiterar essa ideia, ele trata a questão como se a pessoa não soubesse com o gênero que se identifica, citando o passado



das entrevistadas, como se isso as tivesse definido mais do que agora. Ao falar sobre ‘encontrar’ quem se é, e falando sobre trabalhar a mente, pode parecer que as/os transexuais decidem pela cirurgia de última hora, sem passar por diversos processos psicológicos e físicos, como se fizessem a cirurgia por impulso.

4. Considerações finais

O programa é uma oportunidade positiva de mostrar que as/ os transexuais são pessoas como todas as demais, que podem ou não estar de acordo com regras e normas sociais, afinal, ninguém se encaixa totalmente nelas. No entanto, ao falar sobre ‘a troca’, a questão da vivência transexual é reduzida a um simples desejo de mudar seu corpo, não considerando os demais tópicos que abrangem a vida daqueles que não se sentem confortáveis em seus corpos biológicos e que não se sentem de acordo com as normas e padrões limitadores que a sociedade se utiliza para definir os papéis sociais de homens e mulheres. Quando Cabrini fala sobre ‘uma viagem sem volta’, pode-se ter a impressão de que a identidade de gênero é algo que se muda constantemente, que fazer a cirurgia pode trazer um arrependimento para quem a faz, o que não é verdade. Pois, não se identificando com seu gênero designado ao nascer e com seu próprio, a pessoa pode optar pela transgenitalização ou não, assim, quem decide por fazê-la, normalmente, está seguro do que está fazendo. Nota-se uma insistência de Cabrini em determinados detalhes que ligam as entrevistadas com seu gênero biológico e sobre o arrependimento que pode ocorrer ao fazer a cirurgia. Ele repete ao longo de todo o programa sobre ter certeza do que estão fazendo, se acham que vale a pena, que algumas pessoas se arrependem, as afirmações delas não parecem ser suficientes para ele.

O corpo, principalmente de Vivian, também é bastante explorado, ao colocarem imagens das personagens do programa de biquíni, falando da praia e falando sobre o incômodo de ter um pênis sem aprofundar sobre os sentimentos e os motivos de se sentirem assim, temos a impressão de que a redesignação genital será tratada como, apenas, uma forma externa de se identificar com seu gênero, como se apenas a parte corporal fosse um problema para as/os transexuais. No entanto, ao falar sobre “vidas marcadas pelo constrangimento”, Cabrini mostra que a vida de transexuais é complicada, elas/ eles passam por estereotipações, sofrem preconceitos de todos os tipos e lidam com suas próprias dúvidas e próprios medos.



Por mais que o programa ajude na visibilidade das questões sobre transexualidade e transgeneralidade, ele acaba não tendo uma efetiva contribuição para o esclarecimento ou para a mudança nas formas culturais já disseminadas sobre transexuais. Algumas abordagens são insistentes, como a identidade de acordo com o gênero biológico e o arrependimento, dando a impressão de que o entrevistador não crê que as entrevistadas tem certeza de que não se identificam com seus corpos, podendo transmitir a ideia de que elas poderiam “voltar atrás” em suas decisões. A identidade de gênero é algo que cada um sabe sobre si, se percebe e se sente bem com ela, não necessitando de questionamentos externos para que se saiba o que é.

5. REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. 4a Edição. Portugal: Edições 70. 2009.
- CONEXÃO REPÓRTER, SBT, 18 de abril de 2013. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=9-fchbXVvxE> >
- CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Tradução Viviane Ribeiro. 2a Edição. Bauru: Edusc, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A. 1988.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: Editora Edusc, 2001.
- LOPES, Luís Carlos. **O culto às mídias**: Interpretação, cultura e contratos. São Carlos: EdUFSCAR, 2004.
- PELÚCIO, L. Desfazendo o gênero In Diferenças na educação: outros aprendizados. Organizadores: Richard Miskolci, Jorge Leite Júnior. São Carlos: Editora EdUFScar. 2014.
- VENCATO, A.P. **Confusões e Esteriótipos**: O ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. Cadernos AEL, volume 10, no. 18/19, 2003. Disponível em <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/76>